

# A CANÇÃO DO DESEJO: UMA ESCUTA DO ACALANTO NA CRECHE<sup>1</sup>

Elisangela Maria da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo buscamos investigar o lugar ocupado pelo acalanto na entrada da criança no campo da linguagem no contexto da creche, tendo como questão: qual a função do acalanto na captura da criança pela linguagem? Para tanto, tivemos por base o quadro teórico do Interacionismo Linguístico, de Cláudia de Lemos, fundamentado na Linguística estrutural europeia e na Psicanálise de base Freud lacaniana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa cujo objeto de análise consiste num recorte da interação entre uma criança e o outro cuidador. Os resultados indicaram que o acalanto, quando pensado a partir do endereçamento desejante ao outro, pode fazer criar a cena, permitindo a repetição das experiências iniciais e, ao mesmo tempo, tangenciar sempre o novo.

**Palavras; chave:** Acalanto; Captura; Desejo; Entrada no campo da linguagem.

## **Entre corporeidade<sup>3</sup>: o acalanto como canção do desejo**

A perspectiva de Lemos (2002), no Brasil, é pioneira em aquisição de linguagem. Nela a autora mostra que a trajetória que engaja a criança, como sujeito, na aquisição da fala pode ser analisada partindo de uma escuta que, evidencia três posições: A primeira, caracterizada pela dependência que a fala da criança mostra em relação à fala do outro (alienação/separação), o dito como colagem da fala alheia, numa dominância do polo do outro, em que a criança é falada pela fala desse outro. A segunda, caracterizada num distanciamento da fala do outro, uma dominância do polo da língua, numa primazia do funcionamento da língua enquanto Outro, em que a criança é falada pela língua. A terceira, o polo dominante é o subjetivo, em que o outro passa a exercer uma função de alteridade, num intervalo entre o que fala e o que ouve.

Nesta perspectiva, a fala da criança é um espaço dialógico, sempre atrelado à fala do outro, em que esse outro irá falar com e pela criança, dando sentido ao seu dito. Sendo visto “[...] a partir da posição subjetiva, efeito de funcionamento linguístico-discursivo, que lhe permite interpretar a criança, sua fala, gesto, olhar, movimento, colocando-a num texto” (LEMOS, 1997, p. 8).

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é um recorte da Tese de Doutorado, intitulada “O acalanto na creche: a escuta que enlaça e ecoa na fala da criança”, apresentada ao PPGCL, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

<sup>2</sup> Centro Universitário Maurício de Nassau, Olinda, Pernambuco, Brasil; membro do NINAR - Núcleo de Estudos Psicanalíticos – Recife [elisangelasilva1718@gmail.com](mailto:elisangelasilva1718@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0001-8404-5190>

<sup>3</sup> Junção proposta por Costa (2003, p. 116), por se tratar de “[...] um campo relacional que não se expressa somente na condição isolada de um indivíduo, mas no momento em que algo da sua captura lhe retorna do outro (semelhante)”.

Assim, destacamos que o conceito de linguagem, adotada neste estudo, envolve a noção de outro/Outro e de linguagem enquanto constituintes do sujeito, na qual a linguagem surge e se mostra sempre acompanhada do outro, seja como interlocutor presente ou refletido na fala do sujeito. Esta perspectiva implica na aceitação da fala da criança como “[...] expressão de si mesma e reflexo de toda sua história e vivência [...]”. Dessa forma, “[...] essa fala reflete um lugar de enunciação que passa pela intromissão do outro, havendo um sentido que carece de interpretação/significação” (MAIA, 2006, p. 41). Assim, não é sem importância que a fala materna mantenha íntima relação com os turnos do diálogo, uma vez que evidencia a suposição materna de um sujeito falante do lado do bebê: um sujeito por vir.

Pensar os efeitos/ecos do dizer sobre o corpo da criança é trazer à discussão conceitos fundamentais da psicanálise, em que o sujeito a vir é falado pelo Outro antes mesmo do nascimento. A partir do momento em que há investimento nesse vir a ser, há desejo. Desde a escolha do nome, a escolha de um acalanto e tudo aquilo que é dito sobre o sujeito (características, sonhos, desejos, medos, preferências) é indício de que há um investimento do Outro.

Nessa direção, vemos que a primeira voz enquanto fala cantada, encarnada pela mãe põe em cena o embalar, o aconchegar, o afagar, o olhar e o cantar como ações que nos colocam diante do acalanto e da musicalidade da voz que, inevitavelmente, numa hora ou noutra nos enlaçam por melodias e harmonias, transportando-nos de um estado a outro – vigília-sono. Quem às vezes não sente vontade de ouvir um acalanto e dormir ao som doce e suave, mesmo sendo com a canção do temível *Boi da cara preta*?

Tais ações também podem ser pensadas nos primeiros cuidados dispensados ao filho pela mãe, já que, conforme Vasconcelos (1938), ninguém desconhece a ação soporizadora que exerce em nós a repetição rítmica de um mesmo som cantado pelas mães, que sempre souberam em toda parte e em todos os graus de civilização esse segredo universal, que é o ato maternal de acalantar.

Pereira (2015, p. 27) apresenta o acalanto como possuidor de dispositivos musicais presentes em todos os tempos e todas as culturas, que tem por invariante “[...] a ternura na voz materna e o caráter doce e previsível da melodia”, ainda que contenha letras e enredos terríveis. Possui ainda outros elementos que são imprescindíveis para propor o termo cena do acalanto: uma criança que se precisa fazer dormir, um adulto, em geral a mãe, em posição de exercer a função materna, o contato corporal, entre outros.

Essa atmosfera promovida pelo acalanto engendra o que Pereira (2015, p. 29) chama de “apagamento progressivo do Outro”, permitindo à criança “recolher-se no seu próprio erotismo”, como se a fachada de harmonia presente na voz doce da mãe velasse a presença do Outro e permitisse à criança uma ilusão de continuidade asseguradora. É nesse sentido que “[...] a voz inscrita no circuito pulsional enquanto objeto da pulsão invocante sexualiza o corpo” (MALISKA, 2008, p. 53).

Por essa via, a voz é entendida como ritmo, como próprio da sexualização das zonas erógenas, fazendo ressonância no ouvido da criança, fazendo cortes, articulando simbólico e real. Essa função rítmica que constitui as zonas erógenas foi pontuada por Freud (1996, p. 111), em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: “o ato da criança que chucha é determinado pela busca de um prazer já vivenciado e agora lembrado. É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer”.

Dessa forma, supomos que a mesma ritmia presente na sucção e também na voz que entoa o acalanto, mãe ou aquele que exerce a função maternante, faça um fino trabalho de bordado entre corpolingüagem ao exercer os seus cuidados, instaurando-se, sorratamente, no bebê um gozo que, onde se pretende autoerótico, já leva a marca do Outro, já se inscreve como “Outro-erotismo” (JERUSALINSKY, 2009, p. 10).

## **A pesquisa**

A coleta foi realizada em ambiente escolar, creche, no período que compreendeu o final de outubro a dezembro de 2018. O recorte foi constituído por eventos interacionais de uma criança, identificada por MN (um ano e oito meses) com o outro/cuidador (professora), identificada por Diva<sup>4</sup>, na hora do soninho. Para interpretação dos dados tivemos como baliza alguns eixos de subjetivação que norteiam o IRDI<sup>5</sup> e que norteiam o AP3<sup>6</sup>, visto que tais eixos esclarecem de que forma o faz constitutivo se enoda e como isso pode ser observado entre os bebês e seus cuidadores. Nossa análise também considerou a mudança de posição da criança na estrutura com base em Lemos (2002).

---

<sup>4</sup> Em referência a voz materna que porta algo da voz da diva da ópera, voz “divina”, “voz de anjo” e “voz da encarnação sexuada” (DIDIERWEILL, 1999, p. 156).

<sup>5</sup> Protocolo de Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI). Na pesquisa de Mariotto esse protocolo serviu para “[...] considerar o cuidar, o educar e o prevenir funções articuladas entre si e fundamentais no exercício do profissional da creche [...]”. Serviu também para fazer com que esse leia e interrogue-se sobre a sua participação na formação do psiquismo da criança da qual está cuidando e educando (MARIOTTO, 2009, p. 13).

<sup>6</sup> O instrumento AP3 é uma avaliação psicanalítica para crianças de três anos, que permite uma leitura do processo de constituição psíquica e do desenvolvimento das crianças aos três anos (KUPFER; PATTO; VOLTOLINI, 2017, p. 36).

## Discussão dos resultados

Contexto: Na horinha do sono MN reluta para dormir e precisou ser acalentada. Levanta-se, olha para a Diva, balança o corpo, como se estivesse “dançando” e, em seguida, dá um sorriso. A Diva, que estava se organizando para finalizar seu turno de trabalho, olha para MN e diz:

D:1 - Já sei:, MN quer vir para o colo de titia.  
Não É, meu amorzinho? (0:00:58)

MN corre em direção a Diva, que a coloca em seu colo e inicia o embalo com movimentos rápidos. MN sorri para a Diva, abrindo e fechando os olhinhos. A Diva beija a testa e as bochechas de MN, que sorri novamente e se balança no mesmo ritmo da Diva.

D:2 – Só GOSTo de dormir no colo da mi:nha ti:tia, porque eu sou o XODOZINHO: DELA.  
(falando por MN com entoação de manhês na voz). (0:01:09)

Vimos que a criança, como corpo pulsional, demanda interpretação e que pelo funcionamento da língua ela pode ser capturada e posta em uma estrutura, que produz mudança (LEMOS, 2006). Essa interpretação é recebida pela criança através da fala de um outro/Outro que lhe oferece lugares simbólicos, supondo na criança um sujeito constituído.

Pela cena descrita, parece-nos que a Diva está afetada pela demanda de MN que buscava provocar o gozo da professora, se fazendo pegar, em uma clara reversão pulsional, em que a criança vai se fazer ela mesma objeto da mãe ou do agente da função maternante, “[...] e coloca seu dedo (do pé ou da mão) na boca da mãe, que vai fingir comê-lo de maneira muito prazerosa (LAZNIK, 2013, p. 28). Nessa interação entre a Diva e MN não se trata da mãe, tampouco de dedos, mas é uma criança que se faz pegar, como em: “MN corre em direção à Diva, sorri, abrindo e fechando os olhinhos”. Todos esses movimentos e sorrisos despertados em MN nos leva a supor que esta buscava fisgar o gozo deste Outro maternante.

Vemos aí que é ativamente que MN se faz pegar, indicando o terceiro tempo do circuito pulsional e que a demanda da criança parece manifestar “[...] uma busca por reviver um prazer já inscrito – independente do objeto que pode vir a encontrar – justamente porque já houve uma dama que sentiu prazer em brincar com ela,

impulsionando-a a demandar ativamente a revivescência disso” (BRANDÃO; KUPFER, 2014, p. 277). Desse modo, pensamos que seja na busca por essa experiência prazerosa que MN procura chamar a Diva para continuar interagindo e dando sentido às manifestações corporais da criança, o que nos confere a presença do eixo (3): o corpo e sua imagem.

Essa cenografia de sedução (corpo a corpo, olhar mútuo, sussurros, voz cantada) presente no momento do acalanto que combina distintos compassos e silêncios numa preparação para o adeus, mas também promessa de reencontro nos mostrou que a voz no acalanto pode funcionar como um corte próximo aos primeiros traços de enlace com o Outro materno, podendo ser lida na ritmicidade das vocalizações e dos movimentos das crianças aqui analisadas. Algo que sinaliza a presença de elementos do acalanto que insistem no corpoligüagem da criança.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, D. B. S. R. e KUPFER, M. C. M. A construção do laço educador bebê a partir da metodologia IRDI. *Psicologia USP* [online], v. 25, n. 3, p. 276- 285, 2014.
- FREUD, S. *Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JERUSALINSKY, J. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. 2009. 272 f. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- LAZNIK, M. C. Poderíamos pensar em uma prevenção da síndrome autística? In. WANDERLEY, D. B. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2013.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. Opúsculos: Etnologia (parte II) Canções do Berço. Vol. VII., *Revista Lusitana*, X, 86, 1938.
- LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 42, p. 41-69, jan/jun, 2002.
- LEMOS, C. T. G. Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna. Trabalho apresentado no *The trend lectures and workshop on metaphor and analogy*, Trento, Itália, 1997.
- MAIA, Juliana Costa. *Um viés constitutivo do sujeito na terapia de linguagem com uma criança autista*. 2006. 111 f. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- MALISKA, M. E. *A voz e o ritmo nas suas relações com o inconsciente*. 2008. 285 f. Tese de doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- PEREIRA, M. E. C. O acalanto: entre o erotismo e o desamparo. In. DIAS, M. M. (Org.). *A voz na experiência psicanalítica: III Jornada seminário fundamentos da clínica do psicanalista pelas psicoses*. Zagodoni. São Paulo, 2015.